

Covas e o PMDB

ANC 4

A súbita enfermidade do senador Mário Covas, líder do PMDB na Assembléia Nacional Constituinte, provoca conseqüências políticas que devem merecer exame e reflexão. De saída, o partido fica privado de sua liderança na fase mais crítica da elaboração constitucional, embora não sejam poucos os que sonham alcançá-la e raríssimos os habilitados para esse mister. A grandiosidade do problema reside principalmente no fato de o PMDB representar a maior força dentro da Assembléia e responder pela gestão governamental. A ausência do seu líder, neste momento delicado, certamente há de repercutir sobre o conjunto do partido e, por conseguinte, nos trabalhos da própria Assembléia Nacional Constituinte.

Os votos de pronto restabelecimento do senador paulista não representam apenas homenagem à sua pessoa mas também um reconhecimento do papel importante e não delegável que o líder do PMDB e os demais dirigentes do partido e de seu aliado, o PFL, desempenham em momento crucial dos trabalhos da elaboração da nova carta constitucional. Não há, nesse delicado processo, momento mais difícil do que aquele em que se formam as "maiorias ocasionais", geralmente fruto de convergências circunstanciais que aproximam, num dado momento, políticos e tendências as mais dispares, todas unidas num objetivo comum.

Essas maiorias não são, realmente, expressivas de uma vontade

de nacional, que foi expressa nas urnas de 15 de novembro. A Assembléia Nacional Constituinte, para felicidade dos brasileiros, tem uma expressiva corrente de políticos progressistas, desejosa de atualizar o Brasil com os novos tempos. E inevitável que, em meio aos progressistas sinceros, encontrem-se revolucionários mal disfarçados, iludidos com a visão de alterar profundamente o regime e a ordem econômico-social através de uma penada constitucional. Cabe então à maioria moderada e moderadora, que é a balanceadora dos extremos, impedir que, em determinada circunstância e num dado momento, os mais exaltados sejam a maioria ocasional e tentem impor suas posições extremadas.

E nesse momento que as lideranças expressivas e representativas, como no caso do senador paulista, devem fazer valer sua voz e sua diretriz. O PMDB, particularmente, tem sido um partido angustiado entre as diversas direções em que sopram os ventos de suas correntes internas. Nem o comando permanente e atento de seus mais experimentados dirigentes tem impedido as constantes oscilações das posições peemedebistas que, em alguns instantes, tomam o caráter de uma força desestabilizadora quando, ao contrário, o que se espera de um grande partido é justamente o exercício total de sua responsabilidade em manter estáveis o debate e as instituições.

Já se disse que ninguém lidera ninguém numa Constituinte, onde os deputados e senadores são, aci-

ma de tudo, delegados do povo para a elaboração de uma nova Constituição. Pode ser verdade acadêmica, mas não exclui a responsabilidade de cada um enquanto membro de seu partido, de seu programa e de seus compromissos assumidos diante do eleitorado. Além disso, a escolha de líderes, num parlamento democrático, não quer dizer que os liderados abram mão de sua consciência e de suas convicções, mas que passam a contar com um companheiro na posição de balizamento de posições, espécie de co-piloto de uma embarcação que busca seus rumos nas águas agitadas dos debates parlamentares. E não se pode esquecer, no caso do senador Mário Covas, que ele foi democraticamente eleito pelos seus pares.

Ao lado dos votos de pronto restabelecimento de sua saúde, a opinião pública tem ainda o direito de dirigir votos ao PMDB para que não se deixe influenciar pelas maiorias ocasionais e saiba comportar-se na Constituinte e fora dela como uma força progressista, sem dúvida, mas imune aos extremismos e consciente de seu papel estabilizador da democracia brasileira. Na condição indeclinável de partido majoritário, polarizador das maiores esperanças populares, tem o PMDB o dever de homenagear e apoiar seu líder oferecendo a solidariedade clara do partido à missão que se propôs de mudar o Brasil pelo caminho pacífico e irreversível das reformas dentro da liberdade e da democracia.